



## Comunicação e Sustentabilidade no 4º Fórum Internacional sobre a Amazônia<sup>1</sup>

Elaine Favero<sup>2</sup>  
Maria Luzia de Cerqueira Gomes<sup>3</sup>  
Mariana Bitencourt Santos<sup>4</sup>  
Marina Pinheiro Kluppel<sup>5</sup>  
Mônica Nogueira<sup>6</sup>

### RESUMO

Este trabalho relata a experiência da roda de conversa “Comunicação e Sustentabilidade”, realizada durante o 4º Fórum Internacional sobre a Amazônia, em 2025 na Universidade de Brasília. Analisa o papel da comunicação na promoção da sustentabilidade, em um contexto de mudanças climáticas e múltiplas crises sociais e da comunicação. Os resultados apontam para o valor do diálogo público e do fortalecimento da democracia no enfrentamento desses desafios, bem como do papel das mulheres nesses processos, a importância de ações autogestionárias e de uma pedagogia participativa alinhada aos princípios da Educomunicação, para impulsionar mudanças genuínas em prol da justiça socioambiental.

**PALAVRAS-CHAVE:** Comunicação pública; Sustentabilidade; Educomunicação.

### 1. Introdução

Faz tempo que isso de nos sentarmos em roda dá muito certo, você não vê?  
Mia Couto<sup>7</sup>

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GT 04 – Comunicação Pública, Cidadania, Educação e Meio Ambiente III Congresso Brasileiro de Comunicação Pública: emergência climática e direito à informação, realizado de 20 a 22 de outubro de 2025, na Universidade Federal de Sergipe (UFS), em São Cristóvão, Sergipe.

<sup>2</sup> Aluna especial da disciplina Comunicação e Sustentabilidade do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável (PPGCDS), da Universidade de Brasília, no primeiro semestre de 2025. (UnB). E-mail: [elainefavero@gmail.com](mailto:elainefavero@gmail.com)

<sup>3</sup> Aluna especial da disciplina Comunicação e Sustentabilidade do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável (PPGCDS), da Universidade de Brasília, no primeiro semestre de 2025. E-mail: [mariluemail@gmail.com](mailto:mariluemail@gmail.com)

<sup>4</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável (PPGCDS), da Universidade de Brasília (UnB). E-mail: [mariana.bitencourt.s@gmail.com](mailto:mariana.bitencourt.s@gmail.com)

<sup>5</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável (PPGCDS), da Universidade de Brasília (UnB). E-mail: [makluppel@gmail.com](mailto:makluppel@gmail.com)

<sup>6</sup> Professora do Centro de Desenvolvimento Sustentável (CDS), Universidade de Brasília (UnB). E-mail: [monicacrnogueira@gmail.com](mailto:monicacrnogueira@gmail.com)

<sup>7</sup> Comunicação pessoal em palestra do autor, no lançamento de seu livro *Confissão da Leoa*, na Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), em São Paulo, 2016.



Em um cenário global caracterizado por desafios crescentes relacionados às mudanças climáticas, a COP 30<sup>8</sup>, em Belém do Pará, destaca-se como um marco fundamental para as discussões e ações voltadas à sustentabilidade no Brasil e no mundo. Trata-se de um momento de grande urgência, em que o desafio vai além da mitigação dos impactos ambientais e sociais, exigindo também o fortalecimento da comunicação climática e científica diante da crescente disseminação de desinformação e negacionismo (SILVA, Hesley, 2022).

Nesse sentido, o direito à informação e à comunicação se torna fundamental para a promoção de uma cidadania consciente e atenta aos desafios socioambientais. Garantir o acesso a informações confiáveis e transparentes sobre as mudanças climáticas é necessário para fortalecer a participação social nas tomadas de decisão e para combater a propagação de notícias falsas que sistematicamente dificultam a compreensão da gravidade e o envolvimento da sociedade na construção de soluções adequadas sociotecnicamente – ou seja, compatíveis com cada contexto social, cultural e ambiental em que será aplicada (DAGNINO, Renato, 2009).

A comunicação climática, contudo, enfrenta desafios significativos, como a prevalência de desinformação, negacionismo científico e ameaças à estabilidade democrática, fenômenos que se articulam entre si e avançam sobre diversos países mundo afora. O negacionismo, por exemplo, é intensificado pelo aumento de formas organizadas de desinformação, incluindo a disseminação de narrativas falsas online (*fake news*), que contribuem para que muitas pessoas duvidem da ciência sobre o aquecimento global e as mudanças do clima (SANTINI, Rose Marie; BARROS, Carlos Eduardo, 2022). Um amplo espectro de pensadores contemporâneos, de Byung Chul-Han (2022) a Ailton Krenak (2019), também apontam para uma crescente desconexão entre as pessoas e dessas com a natureza, agravada pela cultura do individualismo e pelo entorpecimento social causado pelo uso excessivo das redes sociais. Esses processos têm como consequência uma erosão da democracia e da experiência coletiva. Uma conjuntura que, afinal, dificulta a mobilização social e a elaboração de soluções conjuntas para os desafios climáticos, exigindo repensar inclusive as estratégias de comunicação para tanto.

<sup>8</sup> Acrônimo para referir a 30<sup>a</sup> Conferência das Partes da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudança do Clima. A COP é um evento anual que reúne líderes mundiais, cientistas e representantes da sociedade civil para discutir e negociar soluções para a crise climática.



Conscientes desse desafio, propusemos a realização de uma roda de conversa "Comunicação e Sustentabilidade", no dia 12 de junho de 2025, durante o 4º Fórum Internacional sobre a Amazônia (FIA), na Universidade de Brasília (UnB). A roda de conversa foi concebida como uma atividade integrada à disciplina homônima oferecida pelo Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável (PPGCDS) no primeiro semestre de 2025.

Partindo da premissa de que a COP 30 ocorre em um momento crítico para a comunicação, que enfrenta diversas crises, incluindo a crise da verdade, a crise social da ciência, a própria crise da comunicação científica e, afinal, a crise epistêmica (OLIVEIRA, Thaiane, 2020)<sup>9</sup>, a roda de conversa visou oferecer um espaço singular para o diálogo, a troca de experiências e a construção coletiva de reflexões teórico-práticas sobre o papel da comunicação no enfrentamento dos desafios contemporâneos, especialmente as mudanças climáticas, tendo como ênfase a reaproximação com a sociedade e dessa com a natureza, para o fortalecimento do senso coletivo e a construção de comunidades de aprendizagem conscientes e engajadas (HOOKS, bell, 2021).

Nos dedicamos, assim, a responder o chamado de Kathleen Mar *et al.* (2023), quanto à necessidade de reinventar a comunicação em eventos como as COPs, superando o modelo usual de eventos paralelos (*side events*) realizados por meio de apresentações unilaterais e painéis, em prol de formatos dialógicos que fomentem o aprendizado mútuo, a troca contínua entre as pessoas presentes e a construção de comunidades.

## O CAMINHO: O MÉTODO E AS TÉCNICAS DE TRABALHO ADOTADOS

O Fórum Internacional sobre a Amazônia (FIA) é uma iniciativa do Núcleo de Estudos Amazônicos (Neaz), do Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares (Ceam) da UnB, em parceria com organizações da sociedade civil e movimentos sociais. A quarta edição do evento foi realizada em junho de 2025, no campus Darcy Ribeiro dessa Universidade, reunindo pesquisadoras, pesquisadores e ativistas para discutir o agravamento da crise climática, bem como a violência e as crescentes ameaças ao meio

<sup>9</sup> De acordo com a autora, a comunicação enfrenta quatro crises interligadas: a crise da verdade, marcada pela disseminação de informações falsas; a crise social da ciência, relacionada à desconfiança na produção científica; a crise da comunicação científica, referente à dificuldade em comunicar a ciência de forma eficaz; e a crise epistêmica, que questiona as instituições tradicionais de produção de conhecimento e verdade.



ambiente e aos povos da Amazônia brasileira e internacional. O evento também visou estimular colaborações inter, multi e transdisciplinares no âmbito da comunidade acadêmica, bem como o chamado diálogo de saberes: científicos e tradicionais (ou populares).

Atendendo à chamada pública do 4º FIA para a proposição de atividades autogestionadas (oficinas, rodas de conversa e atividades culturais), propusemos a realização da roda de conversa “Comunicação e Sustentabilidade”. A proposta surgiu durante sessões da disciplina homônima, ministrada por uma das autoras deste relato, a professora Mônica Nogueira, como Tópico Especial do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável (PPGCDS). Estavávamos provocadas pela leitura de artigos e livros sobre os desafios da comunicação em tempos de mudanças climáticas, e nos sentíamos motivadas a experimentar novas formas de debate sobre o tema, com um público mais amplo.

A roda de conversa adotou uma metodologia participativa, inspirada no Círculo de Cultura<sup>10</sup>, proposta pedagógica de Paulo Freire (2013 [1967]; 2019 [1970]), com foco na interação, por meio da oralidade, com o objetivo de promover debates temáticos, estimular a construção coletiva de conhecimento, fomentar a conscientização crítica e a transformação social. O ponto de partida em um Círculo de Leitura deve ser um ou mais temas de interesse dos participantes, por meio dos quais se poderá então problematizar e investigar a realidade. No Círculo, em uma relação horizontal, todos compartilham suas experiências para construir coletivamente o conhecimento.

Na perspectiva da roda de conversa como instrumento de coleta de dados, (MOURA, Adriana; LIMA, Maria da Glória, 2015) destaca-se a importância desse método de pesquisa narrativa em que é possível “dialogar com os sujeitos, que se expressam, escutam seus pares e a si mesmos pelo exercício reflexivo” pois, são “[..] indivíduos com histórias de vida diferentes e maneiras próprias de pensar e de sentir, de modo que os diálogos, nascidos desse encontro, não obedecem a uma mesma lógica”. (WARSCHAUER *apud* MOURA, Adriana; LIMA, Maria da Glória, 2015, p. 28). Ademais da polifonia, há o gestual, as entonações das vozes, a troca de olhares, os estilos

<sup>10</sup> O método foi desenvolvido na década de 1969, originalmente, para alfabetizar adultos, sendo depois adaptado para diversos contextos e fins educativos.



de corte de cabelo, das vestimentas etc. Esses adendos, ao serem notados e não julgados, enriquecem a interpretação das informações coletadas.

O ambiente da roda de conversa foi criado no mezanino do Instituto Central de Ciências (ICC) da UnB – um local de grande circulação. Após o arranjo das cadeiras em círculo, a colocação de um *flipchart* com folhas em branco e canetas para eventuais anotações, as,os estudantes e professores com interesse na roda foram ocupando os assentos disponíveis. A facilitação e relatoria foram compartilhadas entre as organizadoras da roda de conversa.

A conversa foi baseada na escuta ativa e no revezamento espontâneo entre as,os participantes e orientada por um conjunto de perguntas-chave que as,os incentivaram a compartilhar suas experiências, desafios e estratégias de comunicação em suas respectivas áreas de atuação. Foram perguntas-chave:

- a) Que bicho é você na natureza e por quê? Uma pergunta do tipo quebra-gelo, para as pessoas se apresentarem de forma descontraída e significativa, visto que desde o início foram estimuladas a buscar estabelecer uma vinculação com um elemento de natureza, uma animal de sua preferência.
- b) Quando você sente que é ouvido de verdade?
- c) O que te motiva a falar de sustentabilidade hoje?
- d) O que você gostaria que mais pessoas soubessem sobre sustentabilidade?
- e) Como comunicar eficazmente em tempos difíceis (devido à desinformação, e ao negacionismo científico)?
- f) O que te dá esperança quando você pensa no futuro?

Essas perguntas estimularam uma reflexão sobre o papel da comunicação na promoção da sustentabilidade, abordando temas como a importância da escuta, a motivação para falar sobre sustentabilidade e a comunicação eficaz em tempos de desinformação e negacionismo.

Antes da colocação das perguntas-chave, houve uma apresentação de cada integrante dizendo seu nome, área de estudo ou de pesquisa e a inscrição por escrito, de seu contato por e-mail e celular, em um caderno. A conversa foi registrada em gravação de áudio, fotografias e anotações em tarjetas dos extratos sucintos das variadas falas.

## A COLHEITA: RESULTADOS DA RODA DE CONVERSA



As pessoas participantes da roda de conversa - entre estudantes de graduação e pós-graduação, professoras e professores de diferentes áreas do conhecimento - discutiram a importância de uma comunicação organizada e eficaz, reconhecendo que, embora a comunicação não resolva todos os problemas, desempenha um papel fundamental na construção da percepção sobre as múltiplas crises que nos afetam contemporaneamente, bem como na transmissão da informação e na mobilização social para a ação. Enfatizou-se que a comunicação é um processo que deve afetar as pessoas, ou seja, que é essencial comunicar de forma a estimular o envolvimento das pessoas, superando o foco no “des-envolvimento”, conforme a crítica de Ailton Krenak (2019). Por isso, as dimensões afetiva, estética e mesmo a imaginação são importantes para alcançar o “envolvimento sustentável” – termo adotado após emergir espontaneamente na conversa – visando um engajamento mais profundo com as transformações que se reconhece como necessárias no mundo.

As participantes também abordaram os desafios da comunicação em um contexto marcado pelo catastrofismo e pelo negacionismo, buscando compartilhar e discutir experiências e estratégias para comunicar de forma realista e eficaz os problemas contemporâneos. A importância de ter um propósito bem objetivo na comunicação e de direcioná-la para cada segmento específico de público, adequando a linguagem e os meios, foi amplamente discutida. Foi ainda ressaltada a necessidade de animar debates públicos, com amplo espaço para o contraditório, ou seja, para o debate de ideias divergentes, a fim de combater a desinformação e o negacionismo, e fortalecer o exercício democrático. Como destaca Byung Chul Han (2022), em um contexto em que a informação prolifera de maneira incessante e a comunicação digital tende a fragmentar e atomizar as relações, torna-se ainda mais importante a retomada da arena pública – especialmente os espaços de interação face a face, como esta roda de conversa, para o fortalecimento da democracia, permitindo um engajamento mais profundo e significativo entre os cidadãos. Além disso, espaços onde se possa acolher a divergência de opiniões, por meio da escuta atenta e o respeito mútuo, reconhecendo nas diferenças uma oportunidade de aprendizagem.

Numa análise fático-subjetiva, a roda de conversa revela uma potência que ultrapassa o mero compartilhamento ou acúmulo de informações, por mais pertinentes



que sejam. Ao ativar o encontro entre pessoas - pelo olhar, pela escuta e pelo afeto -, ela cria condições de vínculo e reconhecimento mútuo que são fundamentais para o engajamento em ações concretas. Como afirmam Humberto Maturana e Francisco Varela (2001), a cognição é um fenômeno que emerge das relações e das emoções; aprendemos e nos transformamos na convivência. Assim, enquanto a informação pode gerar conhecimento, é o diálogo que gera pertencimento e, consequentemente, mobilização. Nessa perspectiva, a roda de conversa rompe parcialmente com o paradigma informacional e performa o paradigma relacional: ela nos faz sentir parte, e é dessa sensação de pertencimento que brotam as práticas sustentáveis e solidárias. A experiência dialógica, portanto, ativa não apenas a razão, mas também o coração — e é dessa integração que nasce a possibilidade de transformação coletiva.

O papel das mulheres na sustentabilidade foi um tema que emergiu espontaneamente na roda de conversa. Isso porque a quase totalidade das participantes eram mulheres e trouxeram ao debate temas como o crescimento da liderança de mulheres em diversos espaços – inclusive nas universidades – como outra marca do presente. Mas, não obstante as mulheres venham cumprindo um importante papel em pautar o cuidado como uma dimensão fundamental para a vida em sentido amplo (social e do Planeta), a divisão de gênero no trabalho resulta em condições desiguais entre homens e mulheres, seja no contexto profissional, da vida doméstica ou nas atividades de conservação (SOUZA, Maira *et al.*, 2023). Sendo assim, é preciso manter a crítica e a tensão positiva para uma maior partilha de tarefas e responsabilidades entre homens e mulheres, além da constante busca pela superação do patriarcado.

As participantes enfatizaram ainda a importância de reconhecer a pequena militância que cada uma pode exercer, valorizando as ações individuais e coletivas em prol da sustentabilidade. A necessidade de diminuir a escala das ações, para perceber a realidade ao redor, afetar e envolver as pessoas em processos autogeridos, foi uma das considerações finais do grupo. Essas proposições se aproximam dos princípios da Educomunicação, que busca construir um campo de mediações entre comunicação e educação, para a construção de ações educativas coerentes com as necessidades atuais e a valorização da experiência e da expressão dos sujeitos envolvidos (SOARES, Ismar, 2000).



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A roda de conversa “Comunicação e Sustentabilidade” proporcionou um espaço valioso para a troca de experiências, a reflexão crítica e a construção coletiva de conhecimento. As participantes puderam compartilhar seus desafios, estratégias e perspectivas, fortalecendo seus laços e ampliando sua compreensão sobre o papel da comunicação na promoção da sustentabilidade. A metodologia participativa e as perguntas-chave estimularam uma reflexão profunda sobre as questões abordadas, gerando um espaço de diálogo.

Mais do que um exercício de troca informacional, a roda de conversa mostrou-se uma experiência de construção de sentido compartilhado, em que o conhecimento emerge da relação e da escuta sensível. Essa dimensão relacional e afetiva é o que possibilita o “envolvimento sustentável” mencionado ao longo do encontro — uma forma de engajamento que não nasce da obrigação, mas da conexão e do reconhecimento mútuo. Quando a comunicação toca o sensível, ela abre espaço para novas formas de ver e agir no mundo, transformando informação em consciência e consciência em ação.

O direito de acesso à informação, especialmente ambiental, é um direito humano universal, indispensável e inviolável reconhecido internacionalmente desde 1948 (LANCHOTTI; DIZ, 2016). Mesmo com essa premissa, o engajamento e a participação política no enfrentamento às mudanças climáticas estão diretamente relacionados às condições em que a população acessa a informação sobre os acontecimentos relacionados a essas mudanças e os efeitos que geram sobre suas vidas (VLASCEANU *et al.*, 2024). Há, portanto, uma relação intrínseca entre comunicação, participação e justiça socioambiental. Sem comunicação efetiva, a população se sente desinformada e é limitada na sua capacidade de mobilização para contribuir ativamente na busca por soluções. Uma comunicação inclusiva, acessível e contextualizada promove a equidade no acesso ao conhecimento, empodera comunidades e fomenta a participação social, fatores essenciais para fortalecer ações coletivas e políticas públicas eficazes frente às mudanças climáticas. Assim, a informação deixa de ser um mero direito formal e passa a ser uma ferramenta prática de transformação social, capaz de promover maior justiça e colaboração na construção de um futuro mais sustentável.



Mas para além da transmissão de informações, é crucial que a comunicação nos eventos sobre o clima promova a reflexão, a interconexão e a orientação para a ação, fomentando a colaboração e o aprendizado mútuo entre os participantes (MAR *et al.*, 2023). Essa orientação se alinha aos princípios da comunicação pública, que defendem uma abordagem participativa, inclusiva e orientada à promoção da cidadania. De acordo com essa abordagem, promover reflexão e aprendizado mútuo cria um espaço democrático onde diferentes atores podem expressar suas perspectivas, compartilhar conhecimentos e construir soluções coletivas. A interconexão entre os participantes estimula o senso de coletividade e a responsabilidade com o futuro comum. Dito de outro modo, em experiências como a roda de conversa “Comunicação e Sustentabilidade”, a ênfase é sobre o desenvolvimento de uma cultura de diálogo, em um exercício de comunicação eminentemente pública, porque orientada à criação de novas possibilidades de agir coletivamente pelo bem comum.

Nesse sentido, a roda de conversa se revelou não apenas um método, mas uma metáfora de futuro - um convite para repensar a própria forma como comunicamos, aprendemos e coexistimos. Em tempos de crises múltiplas, comunicar de modo sustentável é tecer vínculos que resistem e regeneram. Assim como cada bioma, a comunicação precisa ser diversa, interdependente e viva: uma floresta de vozes científicas e de encantamento que, ao se escutarem e se apoiarem, produzem sentido, direcionamento e esperança.

A experiência da roda de conversa no 4º Fórum Internacional sobre a Amazônia demonstrou que o diálogo, quando enraizado em dados e fatos, no afeto e na escuta, pode ser um ato político-ecológico revolucionário. Falar e ouvir tornam-se gestos de cuidado com o outro, com o território e com o futuro comum. Nesse entrelaçamento entre palavra e mundo, emerge a comunicação como prática de sustentabilidade: um modo de nos envolvermos em prol de manter a vida pulsando.

## REFERÊNCIAS

CHUL-HAN, Byung. **Infocracia**: digitalização e a crise da democracia. Rio de Janeiro: Vozes, 2022.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática para a liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.



\_\_\_\_\_. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

DAGNINO, Renato. Ciência e Tecnologia para a Cidadania ou Adequação Sócio-Técnica com o Povo? **Tecnologia e Sociedade**, v. 5, n. 8, jan/jun, 2009, pp. 1-23.

HOOKS, bell. **Ensino e comunidade**: pedagogia da esperança. Elefante Editora, 2021.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LANCHOTTI, Andressa de Oliveira; DIZ, Jamile Bergamaschine Mata. Direito de acesso à informação ambiental: da formalidade à efetividade dos direitos de acesso. **Revista de Direito e Sustentabilidade**, Curitiba, v. 2, n. 2, p. 130-148, jul./dez. 2016.

MAR, Kathleen A. et al. Learning and community building in support of collective action: toward a new climate of communication at the COP. **WIREs Climate Change**. v. 14, 2023, e832. DOI: 10.1002/wcc.832.

MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. **A árvore do conhecimento**: as bases biológicas da compreensão humana. São Paulo: Palas Athena, 2001.

MOURA, Adriana Borges Ferro; LIMA, Maria da Glória Soares Barbosa. A reinvenção da roda: roda de conversa, um instrumento metodológico possível. **Interfaces da Educação**. [S. L.], v. 5, n. 15, 2015, pp. 24-35.

OLIVEIRA, Thaiane. Desinformação científica em tempos de crise epistêmica: circulação de teorias da conspiração nas plataformas de mídias sociais. **Revista Fronteiras: estudos midiáticos**. Unisinos. v. 22, n. 1, jan/abr, 2020, pp. 21-35.

SANTINI, Rose Marie; BARROS, Carlos Eduardo. Negacionismo climático e desinformação online: uma revisão de escopo. **Liinc em Revista**, v. 18, n. 1, 2022, p. e5948.

SILVA, H. **Information and Misinformation about Climate Change: Lessons from Brazil**. Ethics in Science and Environmental Politics. 2022.

SOARES, Ismar de Oliveira. Educomunicação: um campo de mediações. **Comunicação & Educação**. v. 19, set/dez, 2000, pp. 12-24.



SOUZA, Maira Ribeiro; DE LORETO, Maria das Dores Saraiva; DE FÁTIMA EUFRÁSIO, Luciana. As dimensões do cuidado no âmbito da economia feminista: Um olhar sobre o trabalho das mulheres rurais no contexto da agricultura familiar. **Emancipação**, v. 23, 2023, pp. 1-19, 2023.

VLASCEANU, Madalina et al. Addressing climate change with behavioral science: A global intervention tournament in 63 countries. **Science advances**, v. 10, n. 6, 2024, p. eadj5778.